

Festa na Praça Vermelha



Heródoto Barbeiro (*)

O autocrata atribui ao seu país a derrota da Alemanha Nazista. Para isso, prepara uma grande parada militar em Moscou – e ele é o principal homenageado.

Atribui a si mesmo a glória nacional e, com isso, objetiva o reconhecimento político da Europa e dos Estados Unidos. Decreta feriado nacional para que a população se apinhe na Praça Vermelha, onde está a múmia de Lênin, o líder da revolução comunista de 1917. A maioria do público é de mulheres. Os homens morreram na guerra para salvar a “mãe Rússia” da invasão dos nazistas.

Os militares se esmeram em apresentar batalhões que desfilam com disciplina exemplar e uma quantidade de veículos militares para impressionar os convidados. A impressão da mídia ocidental é de que o autocrata russo está se preparando para a guerra, o que deixa os países da Europa assustados com a disposição da nação vencedora da guerra impedir que a democracia capitalista se consolide no continente.

A parada militar é uma homenagem aos milhões de soldados que morreram em campo de batalha para derrotar Hitler e seu regime genocida. Os chefes de Estado de países amigos devem se aglomerar perto da muralha do Kremlin para mostrar ao mundo a importância da vitória russa. É um desafio às potências ocidentais, principalmente aos Estados Unidos, a quem também se atribui participação decisiva para derrotar Hitler e prosseguir o conflito contra o Japão, que termina com a tragédia das bombas atômicas em agosto de 1945.

Para o autocrata russo o que interessa é a vitória na Europa e não no extremo oriente. Alguns convidados recusam o convite da Rússia, e temem que não haja segurança em Moscou. A presença dos convidados é uma demonstração de quem está ao lado dos vencedores. E quem não está ao lado do autocrata é considerado inimigo. Os analistas internacionais temem que a

polarização possa conduzir o mundo a ameaças mais graves, como um novo conflito de dimensões continentais.

Mesmo diante de uma comemoração tão importante, o líder não escapa das críticas da imprensa ocidental; afinal, a mídia local não existe, só a estatal e sob severa censura vigiada pela temida polícia política – a KGB. Para deslustrar a comemoração, os críticos do regime apontam que o líder soviético assinou um tratado de não agressão com os nazistas, e que durou de 1939 a 1941. Os ministros do Reich Ribbentrop e Molotov da União Soviética embutiram uma cláusula secreta que permite a imediata invasão da Polônia e a divisão do país entre os dois aliados.

O ditador Josef Stálin argumenta que o acordo foi necessário para que a União Soviética se armasse para esperar a invasão nazista. É o que se chama realpolitik. Nada pode tirar o brilho do exército vermelho, segundo o Kremlin, o grande vencedor e responsável pela derrota do nazismo. Afinal, foi ele o primeiro a chegar a Berlim e comprovar que o Führer se suicidou no bunker da chancelaria. Stálin despreza os relatos dos correspondentes ocidentais, que dizem que a marcha dos soldados soviéticos em direção a Berlim deixou um rastro de destruição da população civil alemã, roubo de tudo o que encontraram pela frente e o estupro de todas as mulheres encontradas no caminho como forma de se vingarem do que tinham sofrido durante a guerra.

A propaganda soviética tenta ganhar a opinião pública mundial com a colaboração dos partidos comunistas de todo o mundo. A parada militar comemora o final da Segunda Guerra Mundial na Europa e vai se repetir enquanto a União Soviética existir, garante o ditador. Mas vai mais além – a comemoração persiste mesmo com a volta da Federação Russa.

(*) - Professor e jornalista, é âncora do *Jornal Novabrazil*, colunista do *R7*, do *Podcast. Mestre em História pela USP* e inscrito na *OAB*. Palestras e mídia training. Canal no Youtube “Por Dentro da Máquina” (www.herodoto.com.br).

Drones cada vez mais presentes no mar

O uso de pequenos submarinos não tripulados vem crescendo muito, sendo os mesmos genericamente chamados drones.

Vivaldo José Breternitz (*)

Recentemente, a Helsing, uma startup alemã, anunciou seu mais recente produto, um minissubmarino autônomo para reconhecimento. Chamado Fathom, o submarino é a mais recente adição à crescente frota europeia de drones marítimos, que pretendem proteger melhor os navios e a infraestrutura submarina do continente.

O Fathom, uma máquina que mede 1,95 metros pode ficar três meses em patrulha, sem necessitar de qualquer tipo de reabastecimento. É dotado de uma plataforma de inteligência artificial chamada Lura, capaz de classificar sons produzidos por navios e submarinos e identificar suas posições.

A Helsing disse que o Fathom pode ser produzido em massa, se necessário. Pode também formar constelações, com muitos deles vindo a constituir uma rede de vigilância abrangendo grandes áreas.

Os países europeus conscientizaram-se da necessidade de vigilância desse tipo a partir da sabotagem do gasoduto Nord Stream em 2022, que expôs a vulnerabilidade de ativos subaquáticos, levando os membros da OTAN a intensificar a defesa de suas águas, preocupados com possíveis agressões.

Na Ucrânia, os drones navais já se tornaram uma arma importante em sua guerra contra Moscou: no início de maio, os ucranianos usaram seu drone Magura para abater duas aeronaves russas. O Magura, armado com mísseis, tem sido usado desde 2023 para atacar navios e aeronaves russas.

A Ucrânia segue expandindo sua frota de drones navais, tendo recentemente a empresa Nordex apresentado o Seawolf, um veículo de superfície a ser utilizado para missões de vigilância e ataque.

Outros países europeus estão desenvolvendo máquinas similares, como os britânicos que pretendem lançar um drone a ser utilizado em missões de combate ou transporte, e os dinamarqueses, que estão testando barcos autônomos para missões de patrulha.

A adoção de drones marítimos ocorre em meio a crescentes tensões geopolíticas, que levaram os governos europeus a investir bastante em tecnologia de defesa, tendo em março deste ano lançado o plano “ReArm Europe”, que prevê empregar cerca de



ZargonDesign_CANVA

800 bilhões de euros nos próximos quatro anos para aumentar suas capacidades militares.

Apesar do ataque russo à Ucrânia ter mostrado que preocupações com a defesa são pertinentes, vale lembrar o alerta feito pelo presidente dos Estados Unidos Dwight D. Eisenhower em 1961, quando deixava o cargo: cuidado com os gastos militares e com a influência do “complexo militar-industrial”.

Eisenhower, um general de cinco estrelas e herói da Segunda Guerra Mundial certamente sabia do que estava falando...

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor e consultor – vjnitz@gmail.com.

O falso pareto da ia generativa: a armadilha do “MVP em 1 dia”

Acompanhando e desenvolvendo projetos de IA generativa, tenho visto um padrão curioso (e um pouco perigoso) acontecer com recorrência: a ilusão de que estamos mais perto de uma solução do que realmente estamos. Com apenas 1% do tempo e esforço, alguém gera algo com uma ferramenta de IA que parece uma solução real. Um mockup com cara de MVP. É bonito, funciona na demo e dá até para mostrar num pitch ou numa apresentação executiva.

E aí vem o pensamento automático: “Nossa, criei isso em 1 dia... imagina o que eu consigo fazer em 1 mês?”. E muitas vezes sobra pro time de TI: “Se eu, que nem sou desenvolvedor, fiz isso em uma tarde, por que o time de tecnologia não entrega algo assim em produção?”.

Mas a verdade é que não foi criada uma solução real. Foi criada uma prévia, um mockup inteligente, uma demonstração do que a tecnologia pode ser capaz de fazer. Isso só vai virar solução quando estiver de fato no mercado, na rua, resolvendo as dores dos clientes.

A parte difícil — e onde mora o desafio real — começa depois, quando temos que responder perguntas do tipo: como tirar do laboratório e colocar em campo com todos os riscos (ou pelo menos os mais importantes) sob controle?; como garantir que aquilo funcione de forma previsível, com segurança e privacidade?; como monitorar, versionar, escalar e adaptar a solução a contextos reais?; como garantir que o resultado daquilo que você fez em 1 dia seja melhor do que outras soluções que já existem no mercado?.

Esse é o que eu tenho chamado de “falso pareto da IA”: parece que os primeiros 1% do esforço resolvem 99% do problema. Mas a realidade é justamente o oposto. Os 99% mais difíceis vêm depois. Eles são mais chatos, menos sexy. Mas, sem eles, aquela ideia brilhante não vira solução.

A resposta está em tratar IA não como uma caixa mágica, mas sim como engenharia de produto. Isso exige envolver desde cedo as áreas de tecnologia, segurança e negócios, pensar em dados de entrada e saída, monitoramento contínuo, boas práticas de



versionamento de prompts e modelos, governança de riscos e testes em ambientes controlados. Porém, não é só sobre controle: também passa por criar ambientes seguros para experimentação, onde equipes possam prototipar com liberdade — e por capacitar cada vez mais pessoas, em tech e negócios, para lidar com IA com responsabilidade e propriedade. A verdadeira inovação acontece quando esses dois mundos se encontram.

A IA generativa está acelerando consideravelmente os processos de desenvolvimento de novas soluções e tem mudado bastante a forma como a gente faz e pensa inovação. Gosto de lembrar de um artigo de 1997, dos pesquisadores Greg Stevens e James Burley, que dizia: são necessárias 3.000 ideias para gerar um único sucesso comercial. O funil é agressivo, mas a IA faz com que as ideias ganhem forma muito mais rapidamente e com custos mais baixos. Ela tem potencial de melhorar radicalmente essas taxas de sucesso. Acelerar prototipação, validação e solução. Mas, para isso, as empresas precisam estar preparadas — e principalmente dispostas a lidar com a complexidade escondida desse universo.

(Fonte: Daniel Grossi é co-fundador e Chief Venture Officer da Liga Ventures, maior rede de inovação aberta da América Latina, que conecta startups e grandes empresas para geração de negócios).

News @TI

Microsoft Brasil disponibiliza curso gratuito de IA para pequenas e médias empresas

A Microsoft Brasil anunciou o curso Fluência para Pequenos e Médios Negócios, uma série de vídeos educativos produzidos por especialistas da empresa, que oferecem dicas práticas e acessíveis para otimizar o dia a dia das empresas. O curso foi desenvolvido para ajudar pequenos empreendedores a entenderem e aplicarem a inteligência artificial em seus negócios. Dividido em dez episódios, os conteúdos mostram desde conceitos básicos da IA até a criação de prompts eficazes para obter resultados com ferramentas de IA generativa. O conteúdo está disponível permanentemente no canal oficial “Microsoft AI Skills” no YouTube, onde a empresa disponibiliza dicas sobre IA para iniciantes e profissionais em diversos níveis, em todo o mundo. Por meio do canal, a Microsoft oferece tutoriais, insights de especialistas e dicas acessíveis para ajudar diversos públicos (<https://www.youtube.com/watch?v=wNpON8OVm6I&list=PL0g5FWk3FEqhyxNNMEg-D9TFucUFmuoKD&index=2>).

Empresas & Negócios José Hamilton Mancuso (1936/2017)

Laurinda Machado Lobato (1941-2021)

Responsável: Lilian Mancuso

Editórias
Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); Ciência/Tecnologia: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br);
Comercial: comercial@netjen.com.br
Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Webmaster/TI: Fabio Nader; Edição Eletrônica: Ricardo Souza.
Revisão: Maria Cecília Camargo; Serviço informativo: Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Jornal Empresas & Negócios Ltda

Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP: 04128-080
Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: netjen@netjen.com.br
Site: www.netjen.com.br. CNPJ: 05.687.343/0001-90
JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003)
Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.

Colaboradores: Claudia Lazzarotto, Eduardo Moisés, Geraldo Nunes e Heródoto Barbeiro.

ISSN 2595-8410